

Ouvir o falar das letras

Maria Teresa Santos

Instituto Politécnico de Beja - Escola Superior de Educação
msantos@ipbeja.pt

Resumo

A importância da leitura como meio de comunicação, de relação e de alimento à fantasia e, por isso, ao funcionamento mental, é aqui perspectivada através de itinerários dispersos que cruzam experiência pessoal e profissional no trabalho com crianças e jovens não leitores. Escritos de outros são repescados para a tecitura do texto e do contexto de algumas das reflexões que compõem esta narrativa.

O poder encantatório das palavras que se dizem ou se calam, constitui a matriz ancestral que no berço nos embala e nos faz inteligentes, ou seja, ligados, conectados a outros seres humanos.

*Em nós transportamos a sabedoria da humanidade que chega pelo **ouvir o falar das letras**. Saibamos neste século XXI aliar o inteligível ao sensível e, assim, formar seres humanos completos, cuja leitura do mundo não é feita de mera decifração de códigos sem sentido.*

Palavras-chave: Leituras; Comunicação; Emoção; Imaginação; Funcionamento Mental

Contextualizar a Experiência

Bom dia a todos/as os/as presentes

Agradeço o convite que me foi endereçado pela organização deste encontro e também o desafio que me foi colocado para tentar falar da minha experiência, enquadrando-a neste painel – *Não se nasce leitor*, o que devo-vos dizer, não foi tarefa fácil... e logo eu que fui introduzida nas letras através da Cartilha Maternal pela minha mãe, pessoa pouco alfabetizada. Por outro lado, sou ainda da geração do livro único na escola primária e só vi uma biblioteca quando aos 10 anos ingressei no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho e aí encontrei professoras que me estimularam para a leitura e me abriram as portas de muitos outros universos. No verão, de férias no campo, a biblioteca itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian fez o resto...

Todos me mostraram como é importante ler muitas histórias, porque como diz a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (numa das conversas TED-talk) as histórias importam, cada história importa ("*stories matter, every story matters*") e chama a atenção para os riscos da história única, da que encerra um só olhar sobre a realidade e limita a nossa visão do mundo.

Quando li a designação dada ao painel veio logo à minha cabeça o livro de João dos Santos (pedopsiquiatra/psicanalista/professor) – Ensaios sobre Educação – vol. II, intitulado *O Falar das Letras*, publicado em 1983 e que reúne vários textos de reflexão – alguns deles muito inspiradores e reveladores deste pensamento original do Mestre, que me serviram de âncora para o roteiro que tracei e onde fui roubar ideias para o título.

Abra os olhos e ouça ... o falar das letras

Abra os olhos e veja como as palavras lhe sugerem movimentos do corpo e do sentir; como as palavras gesticulam dentro de si e sensibilizam as suas entranhas. Veja de que falam as letras. Se não abrir os olhos para ouvir, para gesticular, para sentir, não pode ensinar a ler (Santos, 1983, p.89).

Chama-nos assim a atenção para a dimensão emocional que o acto de ler comporta e que frequentemente se ignora...

Não se nasce leitor, mas não se nascerá leitor?

Os estudos recentes no campo das neurociências evidenciam que há uma área cerebral – córtex temporal inferior – área da formação visual das palavras que é activada pela leitura, mas que está presente mesmo naqueles que não conseguem aprender a ler e, o mais interessante, é que em termos evolutivos ela parece ser bastante anterior à criação das línguas escritas. Assim, muito provavelmente, esta área é também activada quando ouvimos falar e ler.

Encarei aqui o termo leitor, não como alguém que domina o código linguístico e dele faz uso frequente, mas pensando nos muitos não leitores com quem trabalhei e convivi. Alguns porque lhes tinha sido negada a oportunidade de fazer tal aprendizagem e outros por sérias limitações de natureza cognitiva e/ou perturbações do foro emocional que os obrigavam a fazer uso de diferentes códigos de leitura da realidade à sua volta.

Foi assim que recuei mais de 30 anos quando iniciei o meu trabalho como psicóloga numa CERCI (Cooperativa de Ensino e Reeducação de Crianças Inadaptadas) e aí encontrei jovens dos 10 aos 16 anos que nunca tinham tido qualquer tipo de ensino formal e muito menos sido iniciados na tarefa complexa da aprendizagem da leitura e da escrita e o mais grave era que sobre eles não recaíam expectativas de que pudessem aprender essas coisas. As coisas do ler e do escrever eram para pessoas inteligentes e que “cuja cabeça dava para a escola”, o que não era manifestamente o seu caso, na opinião, à época, dos seus familiares, professores e sociedade em geral.

Hoje sabe-se que muitas crianças com dificuldades intelectuais podem ser leitoras se essa aprendizagem se iniciar precocemente e se o tempo e métodos forem os adequados. Foi então que durante os intervalos e enquanto partilhava com esses jovens os momentos de lazer, comecei a trazer livros com pequenas histórias, poemas e ali me dispunha a lê-los, captando a pouco e pouco a atenção de quase todo o grupo que à minha volta se sentava.

Tais momentos nem sempre eram plenos de magia, às vezes episódios inusitados e até constrangedores irrompiam por ali dentro e o fio da meada era suspenso ou literalmente cortado. Mas este embalar das letras na voz dos que as transportam produzia efeitos de encantamento naqueles olhares e a Virgínia, criança de 11 anos com Trissomia 21, não leitora, pedia-me frequentemente – “Talesa, lê a da gotinha de água” (referia-se à história “A menina gotinha de água” de Papiniano Carlos). O meu nome, naquela nova sonoridade ganhava outros contornos e a porta abria-se escancarada para o território da comunicação. Eu esforçava-me por introduzir diferentes entoações/emoções, pois aqueles não leitores-leitores eram um público exigente e merecedor do meu empenho. Começava então ...

Eu sou a menina
Gotinha de Água,
gotinha azul do Mar
que foi nuvem no ar,
chuva abençoada,
fonte a cantar,
ribeiro a saltar,
rio a correr,
e que volta
à sua casa no Mar
onde vai descansar,
dormir e sonhar (...)

O movimento e as imagens das palavras, a sua vibração, a cadência, o simbolismo, o cariz identitário, apresentam-se como poderosos meios de acesso ao mundo dos sentidos, construtores de uma estética da sensibilidade.

E o bichinho ficou lá ... como também o “Bichinho de conta” de Sidónio Muralha (1981)...

Bichinho de conta,
Conta...
E o bichinho de conta
Contou
Que um dia se enrolou
E parecia
Um berlinde pequenino
De tal maneira
Que um menino
De brincadeira
Com ele jogou ...
Bichinho de conta
Conta...
E o bichinho de conta contou

Também estes “bichos, bichinhos e bicharocos” foram lidos/ouvidos vezes sem conta, versos ficaram na memória, pois as letras tinham voz e podiam ser apropriadas ... e esta actividade assim tornada hábito abriu espaço a outro tipo de relações e à imaginação.

Em 1983, João dos Santos afirmava que “para os adultos como para as crianças fica na sociedade de hoje muito pouco lugar para a fantasia”(Santos, 1983, p.58). A sua interpelação parece-nos fazer ainda hoje mais sentido. O mestre acrescentava que *agir, fantasiar, pensar*, são para as crianças coisas *inseparáveis* e fundamentais a um funcionamento mental saudável.

O poder encantatório das palavras que se dizem ou se calam, constitui a matriz ancestral que no berço nos embala e nos faz *inteligentes*, ou seja, *ligados, conectados a outros seres humanos*. As histórias que nos são lidas ou contadas ajudam-nos a compreender o que está fora de nós, mas mais importante do que isso, *o que está dentro de nós* e que, por vezes, nos angustia, nos causa perplexidade ou nos deslumbra.

Mas não só o ouvir e o falar são importantes, o calar é também ele crucial para a organização mental e como Santos (1983, p.80) sublinha:

É através do calar que a criança aprende a organizar a sua vida, a sua intimidade e portanto a sua vida interior. O desenvolvimento intelectual da criança promove-se sobretudo pelo falar e pelo calar: a inteligência bloqueia-se

quando o que se sente é reduzido ao silêncio. O calar que é tão necessário como o falar, pode ser levado a um tal grau que anule a intimidade e mate a inteligência.

Mais uma vez encontramos aqui a referência de como o inteligível parte do sensível e *ouvir o falar das letras* pode ser um meio organizador, pois as palavras dizem, mas as palavras calam e como uma composição musical, a música que as compõe é também ela feita de silêncios – pausas que nos servem para abrandar o passo, retomar o fôlego e recomeçar o caminho.

O caminho apoia-se na **vida emocional** e mais uma vez pela voz de João dos Santos, (1983, p.255) ele vem lembrar o trabalho de pioneiros que acreditaram no poder da gestualidade/corporalidade, do espaço (físico e relacional), das palavras e dos objectos com significado, porque partem da relação e conduzem aos processos de desenvolvimento, refere-se então João dos Santos:

(...) dizer, como disse Pereira [Jacob Rodrigues Pereira] no séc. XVIII, que a palavra passa pela vibração do corpo e que a inteligência se desenvolve pelo uso da palavra; dizer como Séguin [1812-1880, colaborador de Jean Itard 1774-1838, encarregue da educação do Menino Selvagem - Victor de Aveyron] no séc. XIX, que toda a inteligência passa primeiro pelos sentidos, não é essencialmente diferente do que disseram no séc. XX, Wallon sobre a emoção como base da vida mental ou Piaget sobre a primeira forma sensório-motriz da inteligência.

As relações entre o gesto, a palavra e o pensamento transformaram-se em objecto do conhecimento e da evidência científica e lembrei-me dos casos de afasia, agnosias e alexias relatados pelo neurologista Oliver Sacks num dos seus livros recentes (2011) “O olhar da mente”, em que entramos na vida daqueles que por lesões cerebrais como o AVC deixam de poder identificar as letras e as palavras perdem o seu sentido e de como algumas destas incapacidades foram colmatadas, em pessoas ligadas à literatura, através da audição de livros nalguns casos ou de um esforço sobre humano para reganhar essas competências como no caso que passo a citar:

Embora a área de formação visual das palavras seja decisiva no reconhecimento das palavras e letras, há várias outras áreas implicadas nos níveis “superiores” de leitura. É o que explica, por exemplo a capacidade demonstrada por Howard de inferir palavras a partir do seu contexto. Ainda hoje, nove anos depois do seu AVC, continua incapaz de reconhecer grande número de palavras simples ao primeiro relance – mas a sua imaginação de escritor não depende apenas da leitura” e “(...) Cada vez mais e muitas vezes inconscientemente, Howard começou a mover as mãos enquanto lia, traçando os contornos de palavras e frases ainda ininteligíveis diante dos seus olhos. E curiosamente, também a sua língua se movia sem que ele tivesse disso consciência, traçando as formas das letras no seu céu da boca. Tudo isto o tornou capaz de ler consideravelmente mais depressa (...) Assim, através de uma extraordinária e multimoda alquimia sensório-motora, Howard substituíu a leitura por uma espécie de escrita. Na realidade, lia com a língua (Sacks, 2011, pp.82-84).

São pungentes estas histórias que Sacks nos relata acerca do esforço humano para recuperar funções perdidas absolutamente vitais ao pensamento, comunicação e relação.

O poder imagético das palavras impregna as coisas mais simples do quotidiano, e isso mesmo observei na semana anterior, quando num almoço no âmbito de um seminário sobre inclusão, tive sentada à minha frente uma jovem mulher de 34 anos, com limitações intelectuais consideradas graves e a quem tinham vaticinado em criança que nunca falaria

ou andaria, mas o prognóstico saiu errado e ... apesar de não leitora, quando ouviu a ementa e as duas possibilidades – *migas* ou bacalhau com *natas* - optou por esta última, referindo com alegria e repetindo a palavra *natas*, quase num eco. Escolheu certamente por gostar do sabor do prato ou o mesmo estar relacionado com cheiros e imagens familiares e outras memórias afectivas ...

Mas a mim pareceu-me que a sonoridade da palavra era um motivo forte e pus-me a divagar pelos sentidos das mesmas, nas diferenças entre a palavra *migas* e a palavra *natas*, a primeira remetia-me para migalha, coisa pequena e pobre que se mistura, a segunda para o creme, o que fica à superfície, o que é rico, se distingue, diferencia ou destaca, mas como no prato em questão este material rico é também ele misturado e retirado da sua suposta nobreza inicial e pensei nas múltiplas imagens e significações que as palavras nos suscitam e de como elas nos passam verdadeiramente pelo corpo, ou seja, pelos sentidos ... e de como esta conversa gastronómica pode ser uma metáfora dos ingredientes necessários à inclusão, no fundo a mistura na diferenciação, a partilha do que é semelhante e diferente, celebrando a diversidade através da palavra feita acto.

Não nos podemos esquecer também de como as palavras são um poderoso reparador e têm um efeito catártico, regenerador nas situações de maior desespero, sendo as narrativas pessoais material de excelência em processos psicoterapêuticos. A sua função reparadora é frequentemente retratada na literatura e noutros objectos artísticos, como por exemplo as histórias escritas e passadas à tela em *O Paciente Inglês* (realizado por Anthony Minghella e baseado no romance de Michael Ondaatje) e *O Leitor* (dirigido por Stephen Daldry e baseado no romance *Der Vorleser*, de 1995, do escritor alemão Bernhard Schlink), duas histórias muito diferentes mas que têm como ponto comum o poder apaziguador/curativo das palavras.

A iniciação ao mundo simbólico, imagético e interior faz-se através da relação, do sonho e da fantasia – construída a partir de fortes estímulos multisensoriais, onde as palavras como meio de ligação representam um papel crucial - e é aqui que a pedagogia tem de actuar e mais uma vez nos ancoramos nas palavras de João dos Santos (1983, p. 262) quando afirma:

Os mestres são modelos, modelos de disponibilidade. Ser ou estar disponível é ter vida interior que se organize em termos de deixar espaço para a sensibilidade e para a sabedoria dos outros. O encontro não é só obra do acaso, é também obra da disponibilidade recíproca, daqueles que se encontram. O encontro depende da convicção do que de perene existe nos nossos semelhantes.

Este encontro só é possível porque aprendemos a ler para lá das palavras e porque em nós transportamos a sabedoria da humanidade que nos chega pelo *ouvir o falar das letras*. Saibamos, neste século XXI, *aliar o inteligível ao sensível* e, assim, formar seres humanos completos, cuja leitura do mundo não é feita de mera decifração de códigos sem sentido. Trabalhem pois *as coisas do sentir e do pensar através do ouvir o falar das letras*.

Obrigada pela vossa atenção

Referências

- Carlos, P. (2006). *A Menina gotinha de água*. 9ª Ed. Lisboa: Campo das Letras.
- Muralha, S. (1981). *Bichos, bichinhos e bicharocos*. 3ª Ed. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sacks, O. (2011). *O Olhar da mente*. Lisboa: Relógio D'Água.

Santos, J. (1983). *Ensaios sobre Educação – II - O falar das letras*. Lisboa: Livros Horizonte.

Web/Videografia

Chimamanda Ngozi Adichie – “The danger of the single story” (o perigo da história única).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>

João dos Santos no séc. XXI - <http://joaodossantos.net/>

Oliver Sacks - www.oliversacks.com